

# 1 – O Despertar

A luz fraca das lâmpadas fluorescentes piscava intermitentemente, lançando sombras vacilantes nas paredes brancas do hospital. Havia um silêncio quase absoluto, quebrado apenas pelo som dos monitores cardíacos, marcando o ritmo da vida de quem estava à beira do desconhecido. Lá fora, a noite caía sem pressa, mas ali, dentro daquele quarto, o tempo parecia congelado.

O despertar de Gabriel foi lento, como se ele estivesse emergindo de águas profundas num escafandro. Cada piscada era uma batalha, como se seus olhos tivessem desaprendido a abrir. O mundo ao seu redor parecia envolto em uma neblina pesada, confusa, entrecortada por memórias fragmentadas de um dia que ele não conseguia lembrar completamente.

Ele se mexeu pela primeira vez em 12 dias, o suficiente para atrair a atenção de uma enfermeira que, até então, estava distraída do outro lado da sala, folheando um livro de fisiologia capa dura, ricamente ilustrado.

Gabriel ouviu seus passos firmes e apressados, em calçados emborrachados vindo em sua direção, e logo sentiu o toque suave e reconfortante da mão dela em seu braço, e a realidade finalmente começou a tomar forma.

— Gabriel? Consegue me ouvir? — Perguntou ela, sua voz suave, mas carregada de ansiedade.

Ele piscou, tentando entender onde estava ou se não estava apenas sonhando. Suas mãos estavam presas por tubos intravenosos, e o cheiro inconfundível de antisséptico invadiu suas narinas. Seus lábios secos se moveram, mas nenhuma palavra saiu. Era como se seus lábios estivessem hermeticamente selados por uma força invisível.

— Vou chamar o médico! — disse a enfermeira, saindo apressada do quarto.

Nos minutos de solidão que se seguiram, Gabriel lutou para se lembrar. Algo estava errado, terrivelmente errado.

Por que ele estava ali? O que tinha acontecido? Fragmentos de memória começaram a voltar. Ele estava em um carro... Sim, dirigindo. Não estava sozinho. Clara. Sua esposa. Clara estava com ele. Eles discutiam? Não!... Estavam rindo.

Um forte impacto, um barulho de metal se retorcendo invadiu sua mente, seguido por um silêncio ensurdecedor. Tudo ficou escuro depois disso.

— Clara...? — sussurrou ele. A própria voz lhe pareceu rouca, frágil, quase irreconhecível.

Seu olhar percorreu o quarto até se fixar na enfermeira.

— Meu celular... Enfermeira, poderia pegá-lo para mim?

— Claro, senhor. Só um momento. Aqui está. — Ela colocou o aparelho em suas mãos, ajudando-o a segurá-lo. Gabriel ainda tinha dificuldade para mover os braços, e até os gestos mais simples exigiam esforço. Sobre o criado-mudo ao lado da cama estavam seus pertences, cuidadosamente organizados.

Com o coração acelerado, ele ligou o celular e abriu imediatamente o registro de chamadas. Seus dedos tremiam enquanto percorria a lista. Havia apenas ligações de duas ou três semanas antes: algumas da coordenação da escola onde trabalhava e outras de sua amiga Helena.

Ele conferiu novamente, mais devagar, como se temesse ter deixado escapar algum detalhe.

Nada.

O nome de Clara não aparecia em lugar algum.

Quando o médico entrou, acompanhado pela enfermeira, os olhos de Gabriel encontraram os dele com urgência.

— Clara! — repetiu ele, desta vez mais alto, mais desesperado.

O médico, um homem grisalho e de expressão contida, olhou para a enfermeira antes de se aproximar da cama. Havia algo em seu olhar que deixou o ar

ainda mais pesado no quarto.

— Gabriel, você sofreu um acidente de carro — começou ele, com uma serenidade forçada. — Ficou em coma por quase 12 dias.

A mente de Gabriel ainda tentava se livrar da névoa do coma, mas ele ouviu a palavra que mais temia: “acidente”. Um aperto no peito se estendeu até a garganta, quase impossibilitando a fala.

— E Clara? Onde ela está? — Perguntou com a voz trêmula.

O médico suspirou, abaixando a cabeça por um momento antes de continuar.

— Gabriel, sua esposa Clara não sobreviveu ao acidente.

As palavras atravessaram o ar e se cravaram nele, ecoando dentro de sua mente e ricocheteando em todas as direções. Parecia que o universo tinha se estilhaçado diante de seus olhos. Ele tentou falar algo, mas não conseguiu. Era como se toda sua energia vital tivesse sido drenada em um único instante.

O silêncio tomou conta de tudo.

Nenhuma lágrima escorreu. Nenhum grito quebrou o ambiente. Havia apenas um vazio profundo e esmagador, um abismo se abrindo dentro dele que parecia não ter fundo.

O hospital, que antes era um lugar de passagem

e esperança, havia se transformado em uma prisão de sons e imagens sem qualquer sentido ou importância.

Gabriel se manteve em silêncio. Seu olhar, outrora cheio de vida, agora carregava uma ausência inquietante. Não havia dor explícita, nem desespero visível, mas algo ainda mais perturbador: a completa suspensão de qualquer sentimento, como se parte dele tivesse morrido junto com Clara.

Sua única amiga que insistia em visita-lo era Helena, uma colega professora da escola onde ele lecionava. Com seu olhar atencioso e fala calma, ela tentava de tudo para confortá-lo.

— Gabriel... — ela sussurrou certa vez, em uma visita, enquanto segurava sua mão fria e inerte. — Sei que você está sofrendo, mas estou aqui. Não vou desistir de você.

Mas parecia que ele não conseguia ouvir. Seu mundo estava coberto por uma neblina de dor. A morte de Clara havia roubado dele algo mais do que a própria vida dela; havia tirado seu futuro, seu propósito. O silêncio havia se tornado uma forma uma forma de protesto, de luto.

Ela o visitava constantemente, tentando fazê-lo reagir, convencê-lo a conversar, a desabafar, mas ele se mantinha em silêncio.

Até que, um dia, enquanto conversavam, ou

melhor, enquanto Helena contava sobre algumas de suas aventuras da adolescência, os primeiros trabalhos, até chegar à faculdade, lembrou que um namorado, uma vez, a havia levado para participar de uma experiência, melhor um tratamento que ele estava experimentando, foi nesse momento que ela lembrou e decidiu sugerir ao seu amigo, essa mesma experiência, hoje algo mais moderno, mais estudado e bem documentado: Terapia de Vidas Passadas.

— Eu sei que parece estranho, Gabriel. Mas, quem sabe? Talvez isso ajude de alguma forma — disse ela, com um olhar esperançoso. — Mesmo que não acredite em nada disso, pelo menos pode ser uma forma de você falar sobre o que está sentindo.

Gabriel a ouviu, mas não respondeu. Ele não acreditava nessas coisas, e a ideia de hipnose ou qualquer tipo de "terapia alternativa" parecia absurda.

Mas havia algo no olhar de Helena, uma insistência doce que ele não conseguia mais ignorar. Ela queria ajudá-lo, e ele mesmo já estava ficando cansado do vazio que sua vida havia se tornado.

Alguns dias depois — e só depois de mais uma dose de insistência — ele aceitou.

Mal sabia Gabriel que aquela, aparentemente inofensivo passo, seria apenas o prólogo de uma jornada que desmontaria tudo o que pensava saber sobre

si mesmo, sobre o tempo... e até sobre o frágil limite entre a vida e a morte.

O verdadeiro despertar — aquele capaz de sacudir sua alma até os ossos — ainda estava por vir.